

PERFIL SOCIOECONÔMICO E REPRESENTAÇÕES AMBIENTAIS, CULTURAIS, SOCIAIS E IMATERIAIS DOS CRIADORES AO MODO DE FUNDO DE PASTO DE GLÓRIA - BA.

Jocelmo Araújo Castor

Discente do Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Ambiental. Universidade do Estado da Bahia.
E-mail: castorfreitas13@gmail.com

Eliane Maria de Souza Nogueira

Docente do Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Ambiental e Graduação em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus VIII.
E-mail: emsnogueira@gmail.com

RESUMO

Fundo de pasto é um sistema produtivo, centrado na caprinocultura e ovino-cultura, explorados por pequenos agricultores do semiárido nordestino. Dada a importância desse sistema produtivo para a região o presente estudo teve por objetivo abordar as características socioeconômicas, representações ambientais, culturais e sociais presentes nos criadores ao modo de fundo de pasto no sertão da Bahia, no município de Glória – BA. Para a identificação dos criadores foi utilizado a técnica da Bola de Neve (*Snall ball*) orientada por um criador especialista mais experiente na atividade do pastoreio. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas aos 20 criadores com perguntas que versaram sobre o perfil dos pesquisados e suas conectividades e elementos ambientais (plantas, animais, homem, água, imaterialidades). Os dados revelam que as ligações ambientais foram mantidas, mesmo com interferência dos ocorrentes fatores antrópicos sobre o meio, onde é realizada a atividade do pastoreio de animais na caatinga permeado pela cultura transmitida e vivenciada pelos os tradicionais atuais e os mais antigos das comunidades.

Palavras Chaves. Representações ambientais, criadores, Fundo de Pasto, caatinga

ABSTRACT

Fundo de Pasto is a growing system centered in the goat and sheep breeding, explored by small breeders of the Brazilian northeast semiarid region. Given the importance of this growing system to the region, this paper aimed to approach the socioeconomic characteristics, and the environmental, cultural and social representations present in the breeders adept to the *Fundo de Pasto* method in the city of Gloria, located in the backwoods of the state of Bahia. To identify the farmers, it was used the Snow Ball method, guided by a specialist breeder with experience in grazing. To collect the data, it was conducted interviews with 20

breeders with questions about the researched profiles and its connectivity with natural elements (plants, animals, men, water, immaterialities). The data revealed that the environmental connections were kept even under the human interference over the environment where the animal grazing activities are conducted in the caatinga region, influenced by the culture that is transmitted and lived by both the most traditional and newest communities.

Keys words. Environmental Representations, Breeders, Grassland

1 INTRODUÇÃO

Os povos tradicionais carregam relações de ligação secular com a “natureza” gerando os saberes, as adaptações às adversidades ambientais, as quais são necessárias para estabelecer a sua própria existência e sobrevivência. No entanto, essas relações nem sempre são harmônicas, muitas vezes trazem danos irreversíveis ao ambiente e, atingem diretamente os povos tradicionais, especialmente os que utilizam as áreas como pastagens naturais.

O uso e o modo de pastoreio usando pastos naturais são comuns em regiões tropicais semi-áridas do mundo, sendo conhecidos como culturas pastoralistas (MORAN, 1994), praticada em pequenas áreas agrícolas. Essas áreas diminuem de forma relevante, principalmente com o avanço das cidades (setor imobiliário e êxodo rural), com intenso desmatamento, a falta de regularização das áreas coletivas, a pressão da especulação do mercado e as influências neoculturais. Esses povos sofrem várias formas de ameaças, além dos conflitos constantes por terra (FERRARO Jr e BURSZTYN, 2008). Esses fatores fragilizam a atividade do pastoreio ao modo de fundo de pasto, com grande risco do desaparecimento dessa atividade tradicional. As comunidades de Fundo de Pasto ocorrem no sertão nordestino e, geralmente essas terras estão localizadas no fundo das residências, espaços abertos para uso das criações (AZEVEDO, 2013; EHLE, 1997; ALCANTARA e GERMANI, 2010).

No mundo, apenas no Brasil, em especial no sertão da Bahia, é que existem registros de comunidades ao modo de fundo de pasto, com um formato particular, cuja origem está relacionada à introdução da histórica produção extensiva de gado. Conforme Dias (2013), destaca-se pela “criação extensiva de caprinos, maior fonte de renda dos moradores dessas áreas, tendo sido reconhecido como comunidades tradicionais desde 2007”, o que lhes conferem direitos seme-

lhantes aos de outras comunidades tradicionais, a exemplo de quilombolas, indígenas, pescadores artesanais, assim como outros povos. Dentro do contexto da agricultura familiar nordestina são de extrema importância, não só pelo tempo de sua existência, praticada desde tempo antigo, mas pelo formato pastoril de ordem camponesa do semiárido brasileiro (GARCEZ, 1987).

As comunidades de fundo de pasto no semiárido baiano, com suas realidades permeadas de adversidades históricas e ambientais, precisam ser protegidas sob pena de desaparecerem enquanto cultura e povos tradicionais. Marcada pela criação de animais, em áreas coletivas é permeada pela agricultura de subsistência de cultivos individuais e pelo extrativismo (ALCÂNTARA e GERMANI, 2009), criação de animais à solta, como caprinos, bovinos e suínos.

É um tema de extrema importância, visto que, enquanto comunidades tradicionais detêm saberes sobre o meio em que estão inseridos, numa janela temporal compreendida desde a época colonial aos dias atuais, mantendo elementos importantes para estudos de monitoramento e conservação da natureza local. Como povos tradicionais exercem uma função primordial na preservação de valores culturais, sócio-históricos e de conservação da biodiversidade (DIEGUES et al., 2001; GRZEBIELUKA, 2012).

Portanto, estudos com as comunidades de fundo de pasto são relevantes, à medida que, os impactos sobre os ecossistemas se agravam, e por entender que esses povos possuem características distintas nos seus modos de existir dentro de realidade específica (ALCÂNTARA e GERMANI, 2010). Para tal, o presente estudo teve por objetivo obter o perfil socioeconômico e analisar as conexões ambientais, sociais, culturais e imaterialidades a parti dos saberes dos criadores ao modo de Fundo de pasto no sertão de, Glória BA.

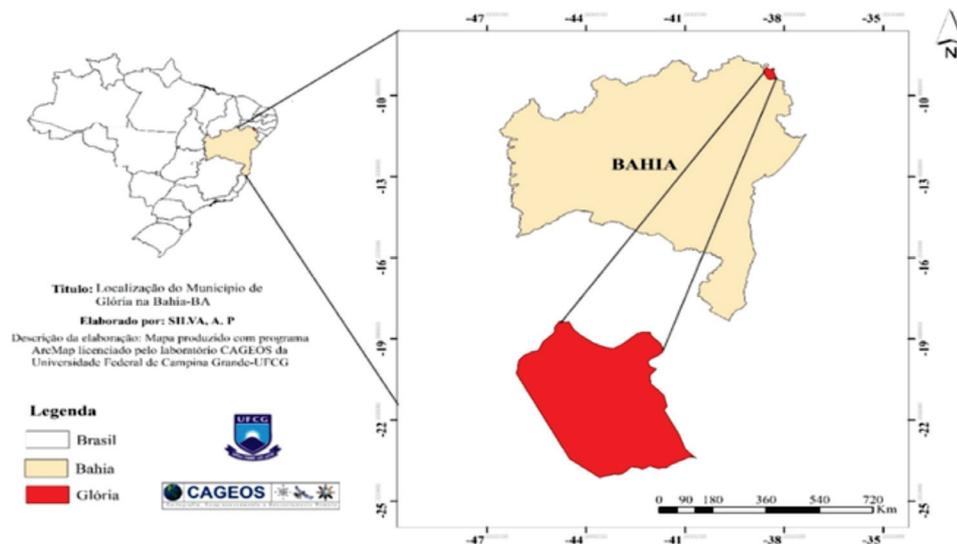
2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização da área estudada

Os dados da pesquisa foram obtidos no município de Glória, Bahia, situado no semiárido baiano, localizada entre as coordenadas geográficas de 9° 20' 45"S e 38° 16' 22"W (Figura 1). Distante 514 Km da capital da Bahia (Salvador) e a 8 km de Paulo Afonso, maior cidade do entorno. Está situada na ecoregião do Raso da Catarina, inserida na bacia do rio São Francisco, dentro do território

de identidade de Itaparica. Faz fronteira com os estados da Bahia e Pernambuco, e tem uma população de aproximadamente 15 076 habitantes (IBGE, 2010). A região de clima típico do semiárido, apresenta vegetação de caatinga a qual ocorre poucas chuvas e é adaptada para suportar grandes estiagens. A região é caracterizada por irregularidades no tempo e no espaço, somado a altas taxas de evapotranspiração e alta temperatura (NASCIMENTO, 2015), com médias de precipitação de 500 mm por ano e temperaturas médias de 26 a 28 °C (De SILVA, 2016). Possui água subterrânea, um aquífero tucano-jatobá, entre outras nascentes, riachos, afluentes (AB`SABER, 2003). Seus solos são pedregosos, pouco espessos, terrenos cristalinos praticamente impermeáveis e terrenos sedimentares que apresentam com boa reserva de água subterrânea (ALVES et al., 2009).

Figura 1: Mapa com localização de Glória, Bahia



Fonte. SILVA, A. P, Junho de 2017

2.2 Coleta de dados

Os dados foram coletados no período de janeiro a junho de 2016, com criadores ao modo de Fundo de Pasto, nativos das comunidades rurais de Glória em diferentes pontos, paralelamente ao curso do rio: Porto da Serra (9°18'1,02°S e 38° 16'20, 32°W), Freitas (9° 17'43, 28'S e 38° 16' 28'10°W), Ilhas das Flores (9° 16'58,76'S e 38° 16' 28, 98'W), Torquato (9° 16'24, 59°S 38° 16'53, 26°W) e Sítio da Lagoa (9°15'59,66°S e 38° 16'58, 03°W). Os entrevistados habitam uma região denominada de beira do rio, especificamente entre as serras do Retiro, Cabaços e do Serrote e o rio São Francisco, abrangendo as barragens de Itaparica e do rio Moxotó, no complexo hidroelétrico de Paulo Afonso, BA.

Foram entrevistados 20 criadores, com idade compreendida entre 40 a 82 anos, todos do sexo masculino que desenvolvem a atividade de pastoreio extensivo (VINUTO, 2014), que permitiu entender a íntima relação da comunicação entre eles. Os tradicionais receberam uma identificação no trabalho nas suas falas com as letras do alfabeto de A à U, em detrimento aos nomes verdadeiros para organização do conteúdo. Considerou-se interpretação dos fatos por meio da análise qualitativa e quantitativa.

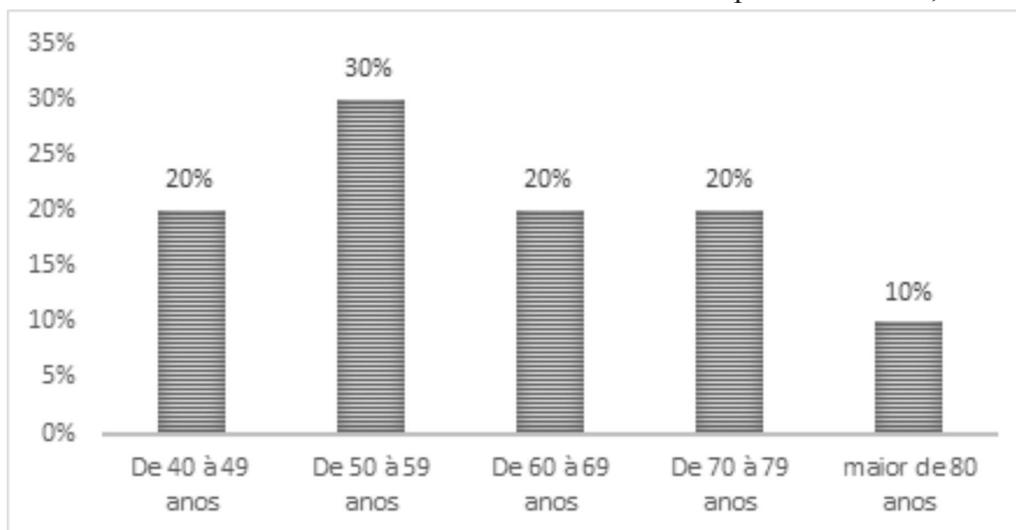
A seleção dos participantes da pesquisa foi realizada utilizando a técnica da bola de neve (*Snall-Ball*) (BAILEY, 1994), como um sistema de referências, ou rede, pelas cadeias de proximidades, atendendo o critério de ser criador de animais a solta da região de estudo. Fez parte desse estudo os criadores que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados sobre os aspectos sociais, econômicos e ambientais forma obtidos por meio de entrevista semiestruturada, aplicada individualmente. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética por meio do processo CEP/UNEB 5 4521 4150 0000 0057.

3 RESULTADOS

3.1 Perfil socioeconômico dos agricultores e relações ambientais

A idade dos entrevistados variou de 40 a 82 anos, sendo a faixa de 50 a 59 (30%) a de maior representatividade. A menor, correspondeu aos maiores de 80 (10%) , que corresponde àqueles que estão nas atividades desde a infância, onde seguiam os seus pais. (Gráfico 1).

Gráfico 1: Faixa etária dos criadores ao modo fundo de pasto de Glória, Bahia.



Fonte. Dados da pesquisa de campo em 2015.

Essa atividade pode estar em risco de desaparecimento, visto que os criadores que ainda persistem na atividade estão numa faixa etária mais avançada, embora ainda em plena produção. Os jovens estão em outras atividades que lhes garantem um salário fixo e de maior rentabilidade.

Os entrevistados são praticantes tradicionais da igreja católica, denominação religiosa trazida pelo os colonizadores do Brasil. Essas características são herdadas das imposições com as ordens missionárias aos indígenas, conforme Souborin, et al.(1999). Confirmando suas origens de formação desde o colonialismo (DIEGUES et al., 2004).

Embora a mulher tenha um papel indispensável na área da vida rural, foi observado que o desenvolvimento da atividade como pastoreio é 100% praticadas por homem. A ausência feminina nessa atividade é atribuída ao fato do esforço físico exigido para a atividade, sendo atribuído a elas o cuidar das crianças e os afazeres domésticos. Elas também contribuem nas atividades do campo, seja na colheita, na criação de galinhas, no cultivo ou no cuidado com os animais rejeitados pela mãe do animal.

Os entrevistados indicados pelo o criador semente são descendentes próximos de uma mesma família, cerca de sete gerações. Essa formação de parentesco de “base extensa”, dentro do território comum a todos, associados ao padrão comum de herdar terras já foram reconhecidos em outras localidades, a exemplo da constituição dos indivíduos das famílias em Lages da Aroeira Bahia (CAMAROTE, 2011). É comum no campesinato, o trabalho com a terra envolver todos os membros da família. Os conhecimentos são transmitidos ao longo das gerações e, conforme os atores locais, ao ter nascido seus pais já criavam animais à solta, enquadrando-se como uma atividade de níveis familiar e com parentesco, como preconiza Moran (1990). Todos possuem casa própria com cisternas para armazenamento de água e um quintal com cultivo de forragens.

O grau de escolaridade é baixo, com 90% de camponeses analfabetos e 10% que possuem o antigo ensino primário. Conforme dados do IBGE(2011) a taxa de analfabetismo na zona rural era de 21,2%, o dobro da média nacional. Por outro lado, nas áreas urbanas a taxa encontrada foi de 6,5% para esse mesmo ano. Conforme INAF (2016), aproximadamente 12% da população brasileira não é alfabetizada. Provavelmente dentro dos 10% dos entrevistados que cursaram o primário há os que dominam a leitura, são capazes de identificar números, mas não sabem interpretar textos e realizar operações matemáticas mais complexas, portanto, são considerados analfabetos funcionais.

A renda é considerada abaixo da linha da pobreza, ou seja, inferior a um salário mínimo, adquirida por meio do Bolsa Família (65%) e 35% são aposentados com salário mínimo de R\$ 970,00. O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda para que essas famílias consigam superar a situação de vulnerabilidade econômica. É no Semiárido do Brasil que se encontra a maior parte da população da zona rural do país que sofre agravamento de pobreza “extrema” (BUAINAIN, 2013), corroborando com Rocha e Lopes (2015) que afirma que “é no campo que se concentra a pobreza extrema, situada no meio rural em que as famílias recebem até um quarto de salário mínimo correspondendo a 6,9 milhões de pessoas. Assim, pode se considerar que a atividade de uso da terra é de classe baixa, cuja renda das famílias está abaixo de dois salários mínimos. Portanto, é uma atividade de classe de baixo poder aquisitivo, no sentido econômico de poucos recursos, investimentos, quase nenhum material para uso. Nos últimos dois anos, assistimos um crescimento nos índices de pobreza do Brasil, principalmente no nordeste, em função da instabilidade política e econômica gerada a partir de 2016.

Conforme a literatura a atividade de maior prática é a caprinocultura extensiva que é considerada adaptada para a área, tendo em vista o menor consumo de alimentos e água (IRPAA, 2001). Para o Zoneamento Agroecológico (ZANE) realizado pela EMBRAPA, relatando sobre a aptidão das terras no Semiárido Brasileiro, a maior parte tem aptidão (44%) para o extrativismo e a pecuária com animais de médio porte. Ao comparar o impacto na alimentação entre bovinos e caprinos, os dados apontam que o gado consome oito vezes mais pasto (CONVIVENDO COM O SEMIÁRIDO, 2001) devido a seu porte físico-biológico e suas necessidades alimentares.

Outras práticas secundárias não menos importantes, são a extração de lenha para fins domésticos, a pesca artesanal em tempos específicos, criação em seus quintais aves de pequeno porte (galinha capoeira), agricultura de sequeiro, de quintal, nas margens do rio (manual ou irrigação), cultivam forrageiras, vegetais para a subsistência (fruteiras) e como complemento da renda ou consumo próprio, o cultivo de hortaliças.

Além das atividades ligadas ao campo, os agricultores locais realizam outras atividades, consideradas como “bico”, já que são esporádicas, conforme percentuais apresentados no gráfico 2, com destaque para criação de animais de pequeno porte, como galinha de capoeira (25%) e animais de montaria (20%).

Figura 2: Outras atividades desenvolvidas pelos criados ao modo fundo de pasto de Glória, Bahia.



Fonte. Dados da pesquisa realizada em 2016.

As várias atividades desenvolvidas pelos os criadores respaldam como camponês que além do cultivo da terra, podem desenvolver a pesca, extrativismo, segundo as necessidades de consumo na cidade, mediados pelas estações dos anos (GOLVINDIN e MILLER, 2015 apud FIRTH, 1950). Corroborando com os achados de Santos (2010). Os resultados apontam que 100% dos tradicionais criam também animais de forma semi-extensiva, momentos que ficam presos por parte de tempo, geralmente à noite onde são colocados em pequenos cercados ou nos terreiros.

Quantos aos animais de montaria (equinos e asininos) são utilizados também durante a plantação, para arar a terra e transportar lenha para uso doméstico e comercialização, prática ainda muito utilizada no semiárido. Dentre outras atividades a pesca é praticada esporadicamente e, no tocante a extração de mel, ressalta-se a ocorrência da abelha sem ferrão *Melipona scutellaris* (uruçu) encontrada no Nordeste (WARWICK et al, 1996 p.17) e africanizada *Apis mellifera*.

A agricultura foi praticamente abandonada, visto que 60% já trabalharam na construção civil, sendo esta a atividade que inclui ajudante de pedreiros, pedreiro, eletricista; 40% migraram para trabalhar, principalmente no chamado “trecho”. Na região de Glória e cidades vizinhas, a migração dos homens para o trabalho no “trecho” é comum, pela natureza das obras desenvolvidas na região. Esse fato vem ocorrendo de forma acentuada desde o término nas obras das usinas da região de Paulo Afonso, quando muitos homens acompanharam as empresas que tra-

balhavam, garantindo a estabilidade financeira da família nas suas cidades de origem. O evento também atinge os homens da zona rural, com maior frequência os mais jovens.

Especialmente sobre a migração do homem do campo, considera que ela provoca a diminuição da presença dos filhos no ambiente doméstico e enfraquece o desempenho da atividade, uma vez que a criação de animais requer grande mão de obra (CARVALHO, 2008). Ainda deve-se atentar para o fato de que as migrações, quando não da forma descrita acima, mas, quando envolve a mudança das famílias, gera um problema muito sério nas comunidades, especialmente quando há venda de terras.

Sobre este aspecto, Prado Jr. (1987), adverte sobre os conflitos e vulnerabilidades gerados, pois muitos compradores externos que entram e habitam na comunidade, são “desconhecedores das normas que regem as formas tradicionais de gestão territorial”, consideram-se no direito de cercarem as terras independentemente das divisões discursivas locais.

A dinâmica de como funciona as transações econômicas com a terra são descritas por Alcântara e Germani (2010), onde consideram as migrações nas áreas de fundo de pasto como formas de buscar a sobrevivência, mas, reforça que o mau uso causa consequências para o bioma, para os seus exploradores impactando as cidades e o ambiente em sua volta. Essa questão do êxodo rural é evidenciada também em outras localidades em outras localidades, como Oliveira dos Brejinhos, Brotas de Macaúba na Bahia (Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, 2012).

Outro aspecto registrado é a forma de divisão do trabalho dos criadores no município de Glória BA, incluindo-se filhos, sobrinhos, cunhados, irmãos e amigos. Há quem trabalhe sozinho, mas, conta com a ajuda da esposa para ajudá-lo com as questões relacionadas à saúde do animal, porém as criações ao modo fundo de pasto são desenvolvidas de forma coletiva, onde a atividade de pastoreio na terra é, também, de uso coletivo, dentro de um sistema produtivo, social, cultural, econômico.

3.2 Relações ambientais, culturais e imateriais dos criadores ao mundo fundo de pasto

Em função da construção das barragens do Moxotó em 1974 e de Itaparica em 1980, o município de Glória – BA teve as suas terras inundadas, ficando submersas não só as terras, como também sua história. Seu povo foi deslocado para outras localidades, carregando consigo ape-

nas as lembranças, muitos conflitos frente ao desafio do novo, inesperado modo de vida e ver a vida. O deslocamento dessas populações provocou uma desterritorialização nas suas identidades como comunidades rurais, no sentido proposto por Soares (2009), é ditada uma nova forma de uso do espaço que quebram o equilíbrio necessários de cultura e da natureza. Relatos dos criadores entrevistados retratam bem essa realidade:

“Invadiram minhas terras, água invadiu, tivemos que mudar, não ia morrer debaixo d’água. (Ent. F)[...] Porque a água botou nós para cá, a água iludiu. (Ent. E).[...] Ficamos dois anos sem saber fazer nada depois da saída e da inundação, com bestas (Criador semente M). Foi a água que trouxe nós para aqui, vir com sete anos, foi a Chesf que trouxe. (Ent. O). Inundou o local que nós vivia e teve que vir para cá. (Ent. R, julho de 2017).

Pelo citado acima, percebe-se que a ação não foi planejada, trazendo impactos negativos sobre as comunidades ribeirinhas que viviam do cultivo de culturas de forma de “vazantes”, agricultura de beira do rio, de sequeiro (com chuvas regulares), da caça, do extrativismo e pesca artesanal. Os impactos ultrapassaram valores econômicos, trazendo sérios danos sobre os elementos simbólicos, culturais, afetivos, e subjetivos individualmente ou coletivamente (CARVALHO, 2006; OLIVEIRA e CONCEIÇÃO, 2016), de forma incalculável e irreconstruível (SANTOS, 2005). No entanto, o manuseio com a terra e dos animais não foram totalmente perdidos no município de Glória, Muitas conexões são mantidas através da atividade do pastoreio, onde os criadores mantêm a forma de criação, demonstram habilidade e intimidade com os animais e as características da atividade herdada dos antepassados. -“*Eu toco e ajunto de um lado para o outro. Crio solto e preso, é solto na caatinga.*” (Ent. B, agosto de 2017).

A pesquisa retrata que o manejo com os animais seguem o mesmo padrão de outras comunidades de fundo de pasto encontradas no semiárido (ALCÂNTARA e GERMANI, 2005), garantida por um espaço que possibilita a realização da atividade do pastoreio extensivo capaz de oferecer alimento e interação com a vegetação. Além disso, é uma atividade que, quando comparada às outras, traz vantagens de tempo, segurança, liberdade, como salienta um entrevistado:” Porque é menos trabalho, você solta vai pra lá o trabalho é bem menor. [...]”,*No mato, nas serras, capoeiras, aberto[...] É o pé de serra, lá não te transito, só rouba quem sabe, tendo água.[.](Ent. Q, julho de 2017).*

3.3 Conexão animal/meio ambiente na representação dos criadores ao modo fundo de pasto

De modo geral, quando se trata de uma conectividade da prática com o meio ambiente, os criadores ao modo fundo de pasto, consideram-na inofensiva. Para eles o animal faz “parte da natureza, ali-

menta-se da mesma, entendem que suas fezes melhoram a natureza na forma da oferta de esterco, considerando-se que os animais consomem, “eles devolvem”. Portanto, parte do princípio que o ambiente é patrimônio dos animais, e compreendem que os animais podem consumir toda a flora, justificando, a presença dos animais, mesmo antes dos seus nascimentos: “os criadores ao nascerem os animais já se encontrarem na caatinga aberta”, concluem como se fossem “animais nativos”.

Para os criadores ao modo de fundo de pasto, a atividade do pastoreio preserva a caatinga, funcionando como um manejo das pastagens naturais via animais, em que essa forma de manejo desempenha uma função de extrema importância da distribuição dos nutrientes, pelo esterco e urina dos animais (ARAÚJO FILHO, 2013). É inegável o papel da inclusão de esterco para a qualidade do solo e das plantas (FONTES, 2014), que retorna ao animal em forma de alimento, sombra, cura de doenças comuns, dentre outras vantagens da vegetação para os animais.

Ao admitir que os animais são partes do meio, percebe-se que os criadores reafirmam as suas relações de espaço e pertencimento, focados nos seus valores simbólicos presentes no território e, conseqüentemente, ações que demonstram esse sentimento de pertencer, (BORTOLETO, 2010 apud BONNEMAISON e CAMBRÈZY,1996). Entendendo que esse meio cultural, herdado e acumulado dentro de um processo, originados a partir das experiências de vários descendentes que antecedem os povos atuais (LARAIA, 2001). Marques (2016), considera que este tipo de criação favorece o controle, uso e a manutenção do bioma caatinga, fato também reforçado por Santos (2010), onde afirma que, em trabalho em áreas de fundo de pasto de Oliveira dos Brejinhos BA , a atividade do pastoreio preserva a caatinga.

3.4 Conexão homem e o sobrenatural

Na cultura brasileira temos diversos registros de fatos e seres associados a natureza, seja por meio do sagrado, seja por meio de castigos para que dela desdenha. assim, a comunidade de agricultores de Glória, citaram alguns personagens já conhecidos em outras regiões como o pai do mato, caipora, cabloquinho. Citaram também que já ouviram animais uivando feito lobo e barulhos de vozes como componentes sobrenaturais. Eles defendem que os rios, os matos, tudo tem dono, é da natureza. É “incantado”, ninguém ver.

Há relatos de que o cabloquinho batia no “cara”, “quando os “véios” não tinha televisão, não tinha energia”. Outros afirmam ter ouvido o pai do mato assobiar uma vez. Vários elementos

são associados a animais, principalmente pássaros, mamíferos e répteis, como se observa no relato abaixo:

“Uma vez eu no pé do serrote, via gente gritar, as pessoas não era as pessoas, era um bicho, a gente, anda de noite, não era gente desse mundo, vozes esquisitas, no serrote de Zé Maria, a gente achava que era um dos meninos, mas era um medo, quando chegamos vendo gritar de pertinho, e eles estavam todos estavam com medo. O zumbi é autorizado por ele, é o caboco do mato, o caburéu, o João Doido (pássaro), a cauã, nos pés de serra. O pior é a raposa, fica todo arrepiado (Ent. U, junho de 2017).

Conforme Cascudo (1972), na existência dos contos tradicionais da oralidade a presença de animal na etnografia como folclore é uma constante.

Sobre os “os encantados” citados por 45% dos entrevistados, trata-se de ficar invisível. O conceito não é unânime entre as comunidades tradicionais, a exemplo dos índios e religiões afros, em que esses “seres” são de origem principalmente indígena, um tipo de entidade sobrenatural. Para Hoefle (1997) conceitua os “incantados” os entes encontrados no sertão, considerados como animais ou espíritos típicos do nosso mundo humano que habitam as caatingas ainda preservadas na função de proteger a fauna selvagem e serem contrárias às ações antrópicas.

Existe uma multiplicidade de crenças a respeito dos encantados, variando entre criaturas que vêm de um reino paradisíaco subaquático, podendo se referir a seres espirituais, tais como os antepassados, até mesmo a cobras encantadas. Na memória colonial dos povos do sertão ainda estão presentes dessas lendas de serpentes, baleias, histórias imaginárias transmitidas sobre lugares não habitados por entidades (mato), que aparecem esses fenômenos misteriosos ou fatos sobrenaturais, as ditas: “histórias de trancoso” (CAVIGNAC, 2007).

Quando os criadores associam a existência dos “encantados”, existindo a importância e o significado construído diante da relação com a natureza do que é imaterial ou não. Dá-se a abertura para a construção de preservação ambiental através desses mitos, antropológicos e presente no imaginário e no cotidiano das pessoas sertanejas, em que o sobrenatural é transmitido por gerações (DIEGUES et al., 2000). “Esses “entes mágicos” aos quais atribui castigos para aqueles que desmatam as vegetações, “do caboquinho”, “pai do mato” ou o “caipora” aparecido em várias regiões do nosso país (CASCUDO, 1972), funcionam como guardiões ambientais, embora, na perspectiva no estudado em Glória, essa associação não seja tão forte.

No sertão do Nordeste, no Cariri, registros de Bezerra (2011) elementos folclóricos como o Caipora, caã (mato) e porá (habitante, moradora), auxiliam os caçadores, desde que tenham satisfeitos seus desejos de usar fumo. Assim, principalmente os antigos colocavam fumo na mata, o que era associado ao respeito, visto que, ao contrário, poderiam se perder na mata e que retornarem para casa com as roupas rasgadas, marcadas de açoites (ALMEIDA, 2013).

Em civilizações agroextrativistas os trabalhos, as representações, o universo da produção é simbólico e percebe-se que estão associadas às atividades de rotina de pescar, plantar, caçar, misturando as existências com a realidade, com o sagrado, a própria natureza e os animais que se encontram associadas a elas (MORÁN, 1990; DIEGUES, 2001; CASTRO, 1997 e GODELIER, 1981).

3.5 Relação animal\homem\água

Era de se esperar uma estreita relação da comunidade com o rio São Francisco, visto que é uma comunidade que vive as margens do rio. O rio São Francisco é extremamente importante para a região e povos ribeirinhos habitantes do semiárido sertanejo. Considera-se como fator de desenvolvimento do nordeste do país (JESUS e SOUZA, 2013).

Os relatos apontam que os entrevistados não citam o rio como sua principal fonte de água, provavelmente pelo fato de serem atingidos pela hidroelétrica e não foram reassentados, faz com que não se citam como pertencentes à área ocupada atualmente. São frequentes as citações do carro-pipa para entrega de água, para matar a sede dos animais, tanques, barragens, barreiros, fontes (água salobra), açudes. Poucos utilizam o rio como fonte para saciar a sede dos animais.

Ao ocorrer uma fragmentação cultural de ordem econômico-geográfica nessa esfera simbólica, o rio que tem características de proporcionar a vida, passou a ser visto como um elemento distante. Essa aversão (ou ocultamento) ao manancial usado instrumento da sua tragédia, em não querer comentar sobre ou falar como se fosse o causador da situação, é característico das consequências específicas da era ditatorial, devido a perda do território, perda de bens materiais utilizados e o próprio espaço do rio que utilizavam (VIEIRA et al., 2015).

Ao ser atingido por uma barragem hidrelétrica do rio Moxotó no ano de 1974, ocorreram situações de perdas irreversíveis, decorrentes dessa ruptura, causada pela modificação do seu espaço e deslocamento planejado por terceiros, sem respeito as crenças, histórias, afetividades,

etc., Para construções de hidrelétricas é comum ouvirmos relatos dos impactos a outras comunidades tradicionais, a exemplo da populações do entorno do Rio Tocantins (FERREIRA et al, 2014). Mais recentemente vemos conflitos com a construção da hidrelétrica Belo Monte e outras, principalmente nos Estados do Pará e da Amazônia, onde o respeito aos povos indígenas vem sendo quebrado, inclusive com casos de homicídios.

3.6 Conexão homem/ vegetal

A conexão humana/vegetal está baseada na produção de bens diretos e indiretos com citações do uso de lenha com finalidade energética, uso na alimentação humana e dos animais, uso medicinal, repouso dos animais, proteção e esconderijo. Algumas conexões foram desfeitas, como por exemplo, na forma de criar, e ao longo do tempo em função do desflorestamento. Plantas nativas foram substituídas por plantas introduzidas, causando sérios problemas à área, principalmente para o sombreamento. Estima-se que das 472 espécies florísticas em extinção, 46 estão no bioma caatinga (MMA, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas demonstraram que alguns comportamentos e práticas na região continuam presentes em parte da população. Muitos ainda praticam a criação ao modo fundo de pasto de forma coletiva com divisão das atividades entre membros e conhecidos da família. Nesse grupo foi possível observar um baixo grau de escolaridade, muitos analfabetos e em dificuldades financeiras, alguns em situação de extrema pobreza. A pesquisa demonstra que as novas gerações, jovens e grupos com faixa etária inferior a 40 anos buscam por atividades que tragam mais estabilidade e rentabilidade financeira, tendo a construção civil como exemplo, não mais exercendo a atividade de criação ao modo de pasto.

A flora da caatinga encontra-se danificada com áreas em desmatamento e processo de desertificação. Políticas públicas para melhoria das condições dos trabalhadores rurais contribuiriam para a diminuição do êxodo ainda presente no cotidiano dessas famílias, os genitores saem para outras cidades em busca de melhores condições de vida. A separação desses é consequência para não perpetuação da agricultura. Com a construção da barragem do Moxotó, pela CHESF (COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO), somada à redução de áreas abertas para criação de

animais, o declínio da vegetação nativa, dentre outros impactos ambientais, provocaram sérias mudanças socioculturais e ambientais aos criadores ao modo fundo de pasto. Por outro lado, os resultados da pesquisa demonstraram que os mesmos ainda mantêm conexões com a terra.

A comunidade vive da agricultura familiar e de recursos de programas governamentais, e está caracterizada por ser uma atividade coletiva, geralmente entre familiares e amigos, onde praticam a criação dos animais à solta. Ainda mantém conectividades com os elementos da natureza, especialmente pelos conhecimentos das entidades sobrenaturais de ampla riqueza e citação para o folclore brasileiro, uso de plantas para alimentação dos animais, medicinal e para descanso dos animais.

Os tradicionais entendem que suas atividades não impactam em relação ao meio ambiente onde estão inseridos, para os mesmos ela preservam a caatinga pelo a sua forma do fazer cultural e de ocupação que foi transmitida pelos os criadores mais antigos. Ao utilizarem essas áreas ocorre a troca de serviços concomitante em melhorar a qualidade do solo preserva-se o espaço do cercamento e que o bioma oferece alimento para a fauna doméstica. Os criadores preservam a atividade do pastoreio, que se encontra modificada por influência de condicionantes externos ao longo da história e a caatinga é condição determinante para a perpetuação da criação ao modo de fundo de pasto.

REFERÊNCIAS

AB`SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas/** São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

ALVES, et al. DEGRADAÇÃO DA CAATINGA: Uma investigação ecogeográfica. **Caatinga** (Mossoró, Brasil), v22, n3, p 126-135, julho/setembro 2009.

ALCÂNTARA, D. M.; GERMANI, G. I. As Comunidades de Fundo e Fecho de pasto na Bahia: Luta na terra e suas espacializações. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/ NAPA, v27, n1, jan/abr. 2010.

_____ **Fundo de Pasto: Um conceito em movimento.** ANAIS do VIII Encontro Nacional da ANPEGE 2009. Espaço e tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Setembro / outubro de 2009; Curitiba – Paraná

Fundos de Pasto: Espaços comunais em terras baianas. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. **Caipora e outros conflitos ontológicos**. Revista de Antropologia da UFSCar, v5, n1, jan.-jun., p.7-28, 2013.

ARAÚJO FILHO, J. A. **Manejo pastoril sustentável da caatinga** – Recife, PE: Projeto Dom Helder Câmara, 2013.

AZEVEDO, E. I. A. **Reprodução social da comunidade tradicional de fundo de pasto do paredão do Lou à luz do pensamento de Ostrom**. Salvador, 2013;Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Economia. 2013. 113 f. : il.

BAILEY, K.D. **Methods of Social Research**. Nova York: The Free Press, Macmillan Publishers.1994 588p.

BORTOLETO, E. M.. Identidade, território e pertencimento: **A comunidade Pomerana em Pancas/es e a Unidade de conservação dos Pontões Capixabas**. Anais do XVI encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, Práxis e Autnomia: Espaços de resistência e de esperança, Espaçosde diálogos e práticas. 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010.

BUAINAIN, A. M.. **Desenvolvimento rural do semiárido brasileiro:** transformações recentes, desafios e perspectivas. confins.revues.org, 2013.

CAMAROTE, E. M. Territorialização e parentesco em uma comunidade baiana de fundo de pasto. **Ruris**. v 5, n1, março 2011.

CARVALHO, F. P. de. “**Fundos de Pasto:** organização política e território”. -- Salvador, 2008. 169f. : il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

CARVALHO, O. A. **Água sobre terra:** lugar e territorialidade na implantação de grandes hidrelétricas. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do rio Grande do Sul,Programa de Pós- Graduação em Geografia, Porto Alegre UFRGS PPGEA, 2006.

CASCUDO, L. C. 1972. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo, Ed. Ouro o livro.

CAVIGNAC, J. A. Mito e memória na construção de uma identidade local. **Organon** (UFRGS), v. 42, p. 95-111, 2007.

CONVIENDO COM O SEMIÁRIDO. **Criação de cabras e ovelhas**. A criação no sertão. 4º Edição. Juazeiro, outubro de 2001.

De SILVA, B. K. G. **Disponibilidade de biomassa e caracterização da caatinga sob manejo agroecológico**. 2016. 42f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró-RN, 2016.

DIAS, S. C. S. **Trajetória dos fundos de pasto na Bahia**. Anais eletrônicos IV Encontro Estadual de História ANPULB BA, 2013.

DIEGUES, A. C. S.; VIANA, V. M. (Orgs.). **Comunidades Tradicionais e Manejo dos Recursos Naturais da Mata Atlântica**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC, 2004. 273 p.

DIEGUES, A. C. S; ARRUDA, R.S.V. (orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília, MMA, São Paulo: USP, 2001.

EHLE, P.. **Canudos**, Fundo de Pasto no Semi-árido. Instituto Popular Memorial de Canudos. Paulo Afonso. Fonte Viva. 1997

FERRARO Jr, L. A; BURSZTYN, M.. **Tradição e Territorialidade nos fundos de pasto da Bahia**: do capital social ao capital político. IV Encontro Nacional da Anppas 4,5 e 6 de junho de 2008 Brasília - DF – Brasil.

FERREIRA et al.. **Perdas simbólicas e os atingidos por barragens**: o caso da Usina Hidrelétrica de Estreito, Brasil. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v30, p. 73-87, jul. 2014.

FONTES, P.C.R.. **Nutrição mineral de hortaliças: horizontes e desafios para um agrônomo**. *Hortic. bras.*, v32, n3, jul. - set. 2014.

GARCEZ, A. N. **Fundo de Pasto**: um projeto de vida sertaneja. Salvador: INTERBA/SEPLANTEC/CAR, 1987.

GOLVINDIN, J. L. S.; MILLER, F. S. **Práticas sociais e simbólicas: Comunidade de pescadores e unidade de conservação em baía formosa/RN**. *Sociedade. & Natureza.*, Uberlândia, 27 (1): 125-139, jan/abr/2015.

GRZEBIELUKA, D.. **Por uma tipologia das comunidades tradicionais brasileiras**. *Revista Geografar* www.ser.ufpr.br/geografar Curitiba, v7, n1, p. 116-137, jun./2012.

HOEFLE, S. W. **Mundividências encantadas e desencantadas no sertão do Nordeste brasileiro**. *Análise Social*. v23. n 140. p. 189-213. 1997

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em:< <http://www.Ibge.Org.br>>. Acesso 15 de abril de 2016.

INAF. INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL - **Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho**, São Paulo, maio de 2016. Acesso < // <http://www.inaf.com.org.br> >. Acesso 08 de setembro de 2017.

IRPAA . **Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada A criação do sertão**..4º Edição revista e ampliada Juazeiro, outubro de 2001. Acesso < // www.Irpa.com.Org >. 15/04/2016.

LARAIA, R.. **Cultura**: um conceito antropológico. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LIRA, T. M; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **INTERAÇÕES**. v17. n1, p. 66-76, jan./mar. 2016.

JESUS, D. B. M; SOUZA, R. C. A.. **Avaliação da qualidade da água do rio São Francisco**. XII SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS, 2013.

MARQUES, L. S. As comunidades de Fundo de Pasto: Um intento de construção conceitual. **Revista Pegada** .v.17.n.2 .2016.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Lista oficial traz 472 espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção**. Disponível em <http://www.mma.gov.br/informma/item/5076-lista-oficial-traz-472-especiesda-flora-brasileira-ameacadas-de-extincao>, acesso em 15/12/2017.

MORAN, E. F., **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____ **Adaptabilidade humana**: Uma introdução à antropologia ecológica; Tradução de Carlos Jr. E Marcelo Soares Brandão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

NASCIMENTO et al **Crescimento e valor bromatológico de taboa sob condições semiáridas**. www.agro.ufg.br/pat - Pesq. Agropec. Trop., Goiânia, v. 45, n. 1, p. 97-103, jan./mar. 2015.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL : fundos de pasto: nosso jeito de viver no sertão – Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas - BA / coordenação do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Acevedo Marin ; organizadores, Franklin Plessmann de Carvalho, Greice Bezerra Viana. – Manaus : UEA Edições, 2012

PRADO JÚNIOR, C.. **História Econômica do Brasil**.. 35ª Edição São Paulo Editora Brasiliense, 1987.

SBOURIN et al. Os manejos dos “fundos de pastos” do nordeste baiano; Um exemplo de reforma agrária sustentável. *Raízes*. V.27, 1999.

SOARES, V. R. **Impactos sociais causados pela construção de hidrelétricas em populações ribeirinhas na zona da mata mineira**: O caso específico da Usina Hidrelétrica Candonga – Rio Doce/ Santa Cruz Escalvado – Minas Gerais, Juiz de Fora 2009.

VIEIRA et al. **Identificação de território indígena**: uma reconstituição histórica e geopolítica do povo Tuxa (Rodelas - BA). *Anais XVII Simpósio Brasileiro de*

WARWICK et al. **Abelha Uruçu**: Biologia, Manejo e Conservação. Belo Horizonte, MG: Acangaú, 1996; patrocínio Fundação Banco do Brasil